

CORPO E SEXUALIDADE: UM ATO EDUCATIVO

Dyovanne Navarro Monteiro Mieira^[37]

Prof. Ms. Iranilson Correia de Lima^[38]

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, será desenvolvida a ideia acerca do sentido e verdade do corpo humano, bem como a realidade da sexualidade humana à luz das ciências biológicas, da bioética e da Teologia, que auxiliarão na reflexão dos temas em busca de uma educação coerente e consciente do verdadeiro sentido de ambas as realidades. Buscará responder: qual a relação do corpo com a sexualidade? O que é o corpo humano? O que é a sexualidade humana? Quais os aspectos essenciais que se deve considerar na educação para uma visão madura do corpo e da sexualidade?

Hoje, com a acelerada oferta de informações, tornou-se uma tarefa difícil filtrar as informações que verdadeiramente fazem sentido e que contribuem para o crescimento e amadurecimento da pessoa humana, no que consiste principalmente às questões do corpo e da sexualidade, tão banalizadas e maltratadas pelas mídias em geral. Vivemos em um mundo hipererotizado, onde o corpo e a sexualidade tornaram-se mercadorias de consumo, reduzidos ao estado de coisa, de objeto. Foi a partir desta constatação negativa que se buscou aprofundar o tema do “corpo” e da “sexualidade” numa perspectiva educativa, a fim de contribuir para uma

^[37] Aluno do 6º semestre de Teologia da Faculdade Católica de Belém em 2021.

^[38] Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília.

reta e adequada consciência do verdadeiro valor do corpo e da sexualidade, ofuscados pelos apelos materialistas e ideologistas do mundo.

O desenvolvimento deste trabalho corroborará na tomada de consciência mais madura do sentido do corpo e da sexualidade, a qual o homem e a mulher são chamados a conhecer, a acolher e a vivenciar na sua plenitude, pois sem esta tomada de consciência, dificilmente reconhecerão que o corpo é mais que corpo e a sexualidade não se reduzem ao sexo.

Este trabalho, para um melhor entendimento, foi organizado em quatro tópicos. No primeiro serão abordadas as “questões preliminares”, que ajudarão na localização do tema e de que o conteúdo serve-se das demais ciências. No segundo, será abordado o conteúdo acerca do corpo humano e de seu verdadeiro sentido para a vida humana. No terceiro, será abordado o conteúdo acerca da sexualidade humana, e dela se extrairá o que há de mais essencial e verdadeiro no seu conteúdo. Por fim, no quarto tópico, buscar-se-á fazer a relação dos dois principais conteúdos da pesquisa, o corpo e a sexualidade, numa tomada de consciência por meio de uma urgente educação para integralidade e maturidade destes importantes aspectos na vida humana.

1. QUESTÕES PRELIMINARES

Sabe-se, por meio das ciências biológicas, que os grupos de seres vivos na natureza possuem níveis diferenciados de organização. O homem, por exemplo, pertence ao grupo dos seres complexos e bastante organizados, considerado como um ser pluricelular, ou seja, um ser composto por múltiplas células, não somente pela sua enorme quantidade, mas principalmente pela diversidade e especificidade das mesmas. Não se entrará na análise citológica do fato, mas tal

realidade é ressaltada para, de antemão, se ter a noção de que uma vida humana, biologicamente, origina-se a partir de única célula (zigoto) que ininterruptamente se diferencia até completar o ciclo à sua maturidade. Com isso, afirmar que o “amontoado de células”, como é ignorantemente considerado o embrião humano por muitas correntes científicas, é totalmente errado e inconsistente diante das evidências basilares consagradas pelas ciências biológicas – de que desde a sua origem, o ser humano é constituído por células, e se a sua fase embrionária não for preservada, o ser não atingirá a maturidade, e a vida se extinguirá.

Outro ponto a ser considerado, com o auxílio ainda das ciências biológicas, é referente ao patrimônio genético que as células embrionárias humanas carregam em suas estruturas, cujas responsabilidades, desde o início, entre tantas outras funções, são: “a determinação sexual, a produção hormonal e a presença de receptores hormonais, que devem ser considerados na dependência do momento em que vierem a atuar nesse processo do desenvolvimento” (VERRESCHI; CERQUEIRA, 2011, p. 45-46). O que se quer, com este dado, é afirmar que desde a origem da vida, o ser humano é marcado pela sua sexualidade, pois não é uma realidade posterior ao seu desenvolvimento, não é uma escolha pessoal, mas realidade intrínseca e definida pela dinâmica da natureza, que na sua gênese é perfeita. Não é difícil compreender esta verdade, pois assim como a sexualidade, o próprio ser humano se define e se diferencia naturalmente dos demais seres vivos, colocando-o em um patamar privilegiado e único, pois, só ao homem foi dada a capacidade de desenvolver a consciência do seu lugar, da sua importância e da sua relação na e com a criação.

Tornou-se urgente abordar o tema do corpo e sexualidade para “uma adequada preparação para a vida adulta, em particular no que se refere à educação para o verdadeiro

significado da sexualidade” (CONSELHO PONTÍFICIO PARA A FAMÍLIA, Sexualidade Humana, 2009, p. 5). Apesar de esta preparação ser voltada preferencialmente para os jovens, a compreensão desta dimensão humana, todavia, se estende ao adulto e à pessoa idosa, pois a sexualidade não se faz presente somente na juventude, ela permeia todas as etapas da vida e, a cada nova etapa, há sempre uma nova exigência de lidar sadiamente com a sexualidade, pois não pode ser vivenciada no isolamento, tampouco simplesmente por um ato de escolha ou que possa ser mudada ou anulada, mas dever ser considerada um dom, que acompanha todo o desenvolvimento integral do ser humano, compondo a sua identidade humana na masculinidade e feminilidade na corporeidade do homem e da mulher, pois foi assim que Deus criou o ser humano: “[...] homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Portanto, a sexualidade confere ao ser humano identidade própria e natural, que o auxilia no desenvolvimento enquanto pessoa por toda a vida, tocando primordialmente naquela capacidade relacional consigo mesmo e com o outro; capacidade esta que só a pessoa humana possui.

2. O CORPO HUMANO

O corpo é expressão visível da vivacidade do ser humano, que unido à alma e ao espírito, impulsiona-o a assumir a sua personalidade na diversidade da criação, reconhecendo e assumindo a sua identidade, o seu ser pessoa. É bom ressaltar, desde já, que o homem para tomar consciência da sua corporeidade e sexualidade precisou sempre do “outro” para se reconhecer semelhante e de saber que não está só e jamais encontraria o verdadeiro sentido de sua existência fechado em si, na sua solidão. O “outro” verdadeiramente revela quem é o homem a si mesmo, inicialmente, a partir da sua corporeidade.

Graças ao dom do corpo e o reconhecimento do “outro” é possível crescer na maturidade do ato de sair de si mesmo e ir ao encontro das necessidades do próximo, como acontece quando uma pessoa realiza as *obras de misericórdia*, bem definidas pelo Catecismo da Igreja Católica, n. 2447: “são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais”. Assim como as obras corporais estão diretamente relacionadas com a realidade do corpo – “dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos [...]” e “a esmola dada aos pobres” –, também as obras de misericórdia espirituais – “instruir, aconselhar, consolar, confortar”, assim como “perdoar e suportar com paciência” – estão intimamente relacionadas com o corpo, morada do espírito, lugar que se expressa e se vive a verdadeira liberdade, ao qual precisa estar orientada para o amor e conduzida pelo mesmo amor.

Todavia, uma concepção errada do corpo pode levar às distorções nas relações sociais entre as pessoas, como bem expõe o Catecismo da Igreja Católica, n. 2289, que, entre tantos males, há um que se apresenta disfarçado de “cuidado com o corpo”: o “culto ao corpo”. Mesmo que seja um respeito à vida corporal, o cuidado com o corpo não faz deste “um valor absoluto, insurgindo-se contra uma concepção neopagã que tende a promover o ‘culto do corpo’, a tudo sacrificar-lhe, a idolatrar a perfeição física e o êxito esportivo”. Conscientemente ou inconscientemente, tal concepção trouxe consequências à convivência social de difícil reparação, pois os males, apesar de estarem relacionados com o corpo, aparentemente “superficiais”, atinge profundamente a dignidade da pessoa, quando a mesma sofre discriminação motivada por um sistema obsessivamente seletivo, que classifica em fortes e fracos, e no qual o “fraco”, em todos

os sentidos (cor, porte físico, escolaridade, cultura, condição financeira, aparência), é silenciosamente menosprezado, enquanto o “forte” é preferível e quisto por um padrão forçosamente implantado na sociedade.

São João Paulo II, na época, cardeal Wojtyla, afirmara no seu livro “Amor e Responsabilidade”, que a pessoa “é corpo”, e por meio dele inicia a sua ligação com o mundo e que, porém, esta realidade não é característica absoluta da pessoa humana, pois o que de fato caracteriza a comunicabilidade com o mundo é a capacidade de interioridade, que só o ser humano possui. Na interioridade humana encontra-se o livre arbítrio, o qual habilita a pessoa, como ressalta Wojtyla, a ser “senhor de si mesmo”, ou seja, fazer as suas próprias escolhas e de se responsabilizar por elas. Portanto, para Wojtyla a pessoa é *incommunicabilis*, ou seja, “eu posso não querer o que ele deseja que eu queira [...]”. E, “toda a coexistência humana se funda neste princípio; a educação e a cultura reduzem-se a este princípio”. Portanto, a pessoa também precisa ser educada para o amor, para a verdade, para a sexualidade, para uma consciência honesta e plena do corpo humano.

Wojtyla distingue sujeito e objeto. “Objeto” é tudo o que existe no mundo e está relacionado com o “sujeito”, o qual também existe e age no mundo. Para Wojtyla, “o mundo em que vivemos se compõe de um grande número de sujeitos” e “qualquer sujeito é, ao mesmo tempo, um ser objetivo, é objetivamente qualquer coisa ou alguém”. Assim, “o mundo objetivo em que vivemos é composto de pessoas e de coisas”. Sabe-se que coisa é um ser irracional e sem vida, e pessoa um ser racional e dotado de vida e de interioridade, que é sujeito e objeto, ou seja, sujeito quando dirige a ação e objeto quando lhe é destinada a ação. Logo, pode-se afirmar que a pessoa é objetivamente constituída, por isso é um ser inalienável, ou seja, mesmo que subjetivamente queira mudar qualquer ele-

mento da sua constituição ontológica, torna-se um ato penoso e impossível de mudança, pois ao invés de acolher e amar a sua natureza nega a si mesmo, regride e torna-se infeliz, não cresce na sua humanidade, na sua realidade de pessoa.

3. A SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade é a dimensão humana que atribui ao ser homem e mulher características próprias, imprimindo neles identidade pela qual são no mundo. Em um passeio rápido pela literatura das ciências biológicas, percebe-se o uso dos termos “assexuado” e “sexuado” para caracterizar o tipo de reprodução que um organismo na natureza realiza. O “assexuado” no seu processo reprodutivo não realiza trocas de materiais genéticos entre os pares, e normalmente não precisam de outro semelhante para se reproduzir. Por sua vez, o “sexuado” reproduz a partir da doação e união dos materiais genéticos entre dois semelhantes. Em geral, os seres sexuados são atraídos um para o outro unicamente por apelo instintivo e irracional. Porém, mesmo que o ser humano seja classificado como ser sexuado há nele diferenciais irreduzíveis:

[...] uma carência e um potencial: carência, porque nunca um ser poderá viver a totalidade da experiência dos dois sexos; potencial, porque a própria carência é apelo para ultrapassar o mundo fechado em si. Um apelo que anuncia a capacidade de sair em direção ao outro semelhante, porém diferente de si, em seu mistério existencial (CERQUEIRA, 2011, p. 89).

Por isso, pode-se inferir que o ser humano não busca o seu semelhante simplesmente por instinto, como os demais animais, pois tal instinto expresso pela carência suscita no

interior do ser humano a consciência de que fechado em si mesmo, não se realiza plenamente enquanto ser, pelo contrário, deve sempre se colocar aberto a ir ao encontro do outro, pois é só na presença do outro que se revela o seu “eu”, e todo o sentido de sua existência que é o de não estar sozinho, mas em relação ao “outro” que também é mistério, pois sempre estará numa constante descoberta, segundo a dinâmica natural da vida humana. Deste modo:

[...] a sexualidade é sinal da necessidade e do potencial de encontro interpessoal; dinamismo de abertura, é a porta para o outro, força que leva a pessoa a buscar a relação, o conhecimento daquele diferente de si mesmo. A espécie humana se apresenta como uma unidade sob duas formas sexuadas diferentes: varão e mulher (CERQUEIRA, 2011, p. 89).

São João Paulo II (2019, p. 53), na sua obra “Teologia do Corpo”, afirma que “a ‘definitiva’ criação do homem consiste na criação da unidade de dois seres. A sua unidade denota sobretudo a identidade da natureza humana; a dualidade, porém, manifesta o que, com base em tal identidade, constitui a masculinidade e a feminilidade do homem criado”. Portanto, segundo o mesmo autor, esta unidade do masculino e feminino ultrapassa o limiar da solidão, afirmando o tudo que o “homem” é em si, diante do “outro” que o revela e lhe possibilita o “autoconhecimento e a autodeterminação, ou seja, a subjetividade e a consciência do significado do próprio corpo”.

A função do corpo não é somente a de dar forma à pessoa ou de procriar, mas também de se relacionar e criar vínculo com as demais pessoas. Este estar no mundo dependerá também de como a pessoa acolhe a sua corporeidade e sexualidade. O masculino naturalmente tratará um ser

também masculino diferente de como trataria um ser feminino, referente ao modo como se comunicam e interagem. Pois, no ser varão, na sua gênese, foi impresso o caráter masculino de estar e de agir no mundo, ou seja, desenvolve um jeito próprio e natural de ser masculino ao longo da vida, influenciado por diversos fatores, principalmente genéticos e hormonais, que desde a sua concepção no ventre materno já o constituía. O mesmo acontece com o ser feminino, na qual também foi impressa características próprias do modo de ser e de estar no mundo, que conduzirá todo o seu relacionar com o mundo, desenvolverá aptidões próprias e naturais do seu ser feminino.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, n.2332, “a sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, em sua unidade de corpo e alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e, de uma maneira mais geral, à aptidão a criar vínculos de comunhão com os outros”. Portanto, a sexualidade influencia diretamente o modo da pessoa de estar e de se relacionar com o mundo ao seu redor. Portanto:

Cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar sua identidade sexual. A diferença e a complementaridade físicas, morais e espirituais estão orientadas para os bens do casamento e para o desabrochar da vida familiar. A harmonia do casal e da sociedade depende, em parte, da maneira como se vivem entre os sexos a complementaridade, a necessidade e o apoio mútuos (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2333).

O sacramento do matrimônio confirma a sabedoria popular, que verdadeiramente “os opostos se complementam”, dando ao “homem” a verdadeira consciência de que, por meio

da unidade que se forma entre os esposos, reflete a imagem perfeita da unidade que Deus quer restabelecer com toda a humanidade. O homem complementa a mulher e a mulher complementa o homem, e o fruto desta complementaridade é o amor e os filhos, revelando ao ser humano, pelos meios imperfeitos, a relação perfeita entre Deus e os homens, entre Cristo e a Igreja. Segundo São João Paulo II, acontece na união do homem e mulher um “enriquecimento recíproco”, revelando no interior do homem a consciência de que:

[...] a humanidade se forma de novo como comunhão de pessoas, parece constituir o estrato que na narrativa da criação do homem (e na revelação do corpo nela incluída) é mais profundo que a sua própria estrutura somática como masculino e feminino. Em ambos os casos, esta estrutura é apresentada desde o princípio com profunda consciência da corporeidade e sexualidade humana, e isto estabelece uma norma inalienável para a compreensão do homem no plano teológico (SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 56).

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica Pós-sinodal, *Amoris Laetitia*, n. 121, define muito bem o papel do matrimônio como revelação do amor de Deus pela humanidade:

[...] quando um homem e uma mulher celebram o Sacramento do Matrimônio, Deus, por assim dizer, “espelha-Se” neles, imprime neles as suas características e o caráter indelével do seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do matrimônio: dos dois esposos, Deus faz uma só existência.

Por ser criado à imagem e semelhança de Deus, que é Uno e Trino, o homem também é chamado à comunhão, à unidade com o outro, ou seja, com Deus, consigo e com as outras pessoas. Quanto mais o ser humano desenvolve esta dimensão, mais se torna dono de si mesmo e livre para amar, ou seja, apto para construir relações de reciprocidade e de amor. Livre para doar-se segundo a sua natureza e, acima de tudo, acolhendo e amando os desígnios de Deus.

4. UM ATO EDUCATIVO

Segundo Miguez e Cerqueira (2011, p. 155), “a sexualidade deve ser considerada, tanto no aspecto do desenvolvimento natural como também no aspecto da educação, um contínuo processo de integração, e não de dissociação, de todos os seus aspectos e atitudes”. Deste modo, faz-se necessário que a pessoa desenvolva a sadia e plena consciência do verdadeiro sentido do seu corpo para uma consciência e vivência sadia da sexualidade em unidade com as demais dimensões humanas.

Só se pode cuidar e preservar algo, de modo que este algo se desenvolva e seja ele mesmo na sua plenitude, quando se tem a verdadeira consciência do para quê agir deste modo e não de outro modo. Portanto, descobrir o verdadeiro sentido do corpo e da sexualidade na vida pessoal, tornou-se também uma exigência de primeira instância em meio a tantas informações que se contradizem e nada revelam do que, na sua mais profunda verdade, o corpo e a sexualidade são para a vida humana.

Porém, esta educação só terá êxito se partir do princípio de que em tudo existe um sentido profundo, que toca profundamente também a consciência humana, confirmando e transformando a pessoa a partir da verdade que o seu próprio ser constatou: o sentido é sólido e verdadeiro, pois

realiza a sua plena função, a de cultivar e preservar a vida como ela naturalmente se apresenta e é no mundo. O verdadeiro sentido não fragmenta a verdade, mas ordena e revela ao homem aquilo que há de mais verdadeiro, e só a partir deste reconhecimento o homem pode amar aquilo que verdadeiramente conhece ou conheceu.

CONCLUSÃO

Abordou-se o tema do corpo e da sexualidade, que nos dias de hoje estão profundamente banalizadas, ofuscadas por inúmeras ideias sustentadas por argumentos bastante superficiais, distorcendo o seu verdadeiro e real sentido. Por outro lado, foi interessante observar que, quando se investiga a natureza, as nuances da vida, de modo honesto, com reta intenção e livre de qualquer tendência ideológica, o alcance do novo se torna mais eminente, e aquilo que é mistério, gradativamente, vai sendo revelado ao homem, denominado pleonasticamente de “novas descobertas”.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que todos os elementos que compõem a sexualidade são definidos pela dinâmica da natureza, que na sua gênese é perfeita, cabendo ao ser humano acolhê-las e vivenciá-las, respeitando a sua intrínseca objetividade, que comporta no seu interior um profundo sentido de verdade, que não depende de cultura e tampouco de educação para ser o que “é” de fato. A sexualidade precisa ser acolhida nesta objetividade, pois ela não é fruto de uma convenção, de uma ideia, de um pensamento formulado por um grupo, por uma instituição, por uma sociedade ou por uma tendência de época. Não. A sexualidade é intrinsecamente humana, infundida no ser humano sob dois aspectos distintos, mas que ao mesmo tempo se complementam: varão e mulher.

Deste modo, a sexualidade não é determinada pela subjetividade da pessoa, mas sim pela objetividade que nela habita. Tal objetividade, em meio às superficialidades que se apresentam como verdade só se evidencia mediante uma educação honesta, reta e verdadeira para a compreensão da realidade do corpo e para uma vivência plena e coerente da sexualidade humana. O ser humano se identifica como um ser de unidade, um ser de natureza relacional. A plenitude desta relação acontece na união entre o homem e a mulher, formando um só corpo e uma só alma, e o fruto mais evidente desta união são os filhos, semelhantes aos pais e ao mesmo tempo distintos, pois são novas criaturas, também chamados à plenitude da vida, a uma vivência sadia da sexualidade e do corpo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CERQUEIRA, Elizabeth Kipman (Org.) *et al. Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano-SP: Difusão Editora, 2011.

CONSELHO PONTÍFICIO PARA A FAMÍLIA. *Sexualidade Humana: orientações educativas em família*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.

MIGUEZ, Eloisa Marques; CERQUEIRA, Elizabeth Kipman (Org.). *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano-SP: Difusão Editora, 2011.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016.

SÃO JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*. 2. ed. revisada. São Paulo: Ecclesiae, 2019.

VERRESCHI, Ieda Tereza do Nascimento; CERQUEIRA, Elizabeth Kipman (Org.). *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano-SP: Difusão Editora, 2011.

WOJTYLA, Karol. *Amor e Responsabilidade*. São Paulo: Cul-tor de Livros, 2016.